



UM ANO DE EXTRAORDINÁRIO DESEMPENHO

Desempenho da Vale em 2010

BM&F BOVESPA: VALE3, VALE5
NYSE: VALE, VALE.P
EURONEXT PARIS: VALE3, VALE5
HKEx: 6210, 6230
LATIBEX: XVALO, XVALP

Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 2011 – A Vale S.A. (Vale) apresentou extraordinário desempenho no 4T10 e 2010. É o nosso melhor resultado anual, caracterizado por recordes de receitas operacionais, lucro operacional, margem operacional, geração de caixa e lucro líquido. O lucro líquido em 2010 foi o maior da história na indústria de mineração. Ao mesmo tempo, fomos a empresa de mineração que alocou o maior volume de recursos para financiar a criação de novas plataformas de crescimento e criação de valor.

Roger Agnelli, Diretor-Presidente da Vale, comentou: “Estamos vivendo nossos melhores dias. No entanto, dado o tamanho e a qualidade do *pipeline* de projetos de expansão em meio a um cenário de crescimento sustentável da demanda global por nossos produtos, acredito fortemente que dias ainda melhores estão por vir.”

2009 se caracterizou como período de transição, marcado por desempenho em patamar inferior aos dois anos anteriores, porém bastante robusto. 2010 foi um ano de forte recuperação e desempenho notável, devido à convergência de dois fatores. De um lado, as iniciativas desenvolvidas em 2009 em resposta à recessão global, com foco em transformações estruturais, começaram a dar frutos. De outro, a economia global, liderada pelas economias emergentes, as principais fontes de expansão da demanda para minerais e metais, apresentou excepcional crescimento.

A forte geração de caixa e rigorosa disciplina na alocação de capital permitiram superar mais uma vez o desafio imposto às empresas em expansão, o clássico *trilema* compreendendo a conciliação simultânea do financiamento de crescimento, a manutenção de sólido balanço e atendendo as aspirações dos acionistas com respeito a dividendos.

A Vale investiu US\$ 12,7 bilhões em manutenção de ativos existentes e em exploração de múltiplas oportunidades de crescimento. Seis projetos foram entregues em 2010: (a) Adicional 20 Mtpa, expansão de minério de ferro; (b) TKCSA, planta de placas de aço; (c) Bayóvar, mina de rocha fosfática; (d) Tres Valles, operação de cobre; (e) Onça Puma, operação de ferro-níquel, e (f) Omã, operação de pelotização de minério de ferro.

Além disso, investimos US\$ 6,7 bilhões para financiar aquisições, inclusive de ativos de fertilizantes no Brasil. No total, o investimento em 2010 atingiu US\$ 19,4 bilhões, o maior na indústria mundial de mineração.

Ao mesmo tempo, retornamos US\$ 5,0 bilhões aos acionistas, um valor recorde, sendo US\$ 3,0 bilhões em distribuição de dividendos e juros sobre o capital próprio e US\$ 2,0 bilhões através de recompra de ações. Em 31 de janeiro de 2011, remuneração extraordinária de US\$ 1 bilhão foi distribuída aos acionistas.

www.vale.com
rio@vale.com

Departamento de Relações com Investidores

Roberto Castello Branco
Viktor Moszkowicz
Carla Albano Miller
Andrea Gutman
Christian Perlingieri
Fernando Frey
Marcio Loures Penna
Samantha Pons
Thomaz Freire

BR GAAP - IFRS

Após dispêndios de quase US\$ 25 bilhões com investimentos e retorno de caixa aos acionistas, conseguimos desalavancar o balanço, finalizando o ano com uma razão dívida total/EBITDA de 1,0x.

Os impostos gerados pela Vale em suas atividades no Brasil somaram R\$ 12,467 bilhões em 2010, registrando aumento de 25,7% relativamente ao ano anterior.

Em dezembro de 2010, nossas ações foram listadas para negociação no *Main Board of The Stock Exchange of Hong Kong Limited* (HKEx). Com a listagem em uma das bolsas mais importantes da Ásia, oferecemos aos investidores de todo o mundo a possibilidade de negociar nossas ações quase vinte e quatro horas por dia, nas Américas, Europa e Ásia, consolidando a posição da Vale como companhia global.

Ao longo dos últimos dez anos, 2001-2010, a Vale criou US\$ 154,5 bilhões de valor aos acionistas e distribuiu US\$ 17,4 bilhões em dividendos e juros sobre o capital próprio. O retorno total aos acionistas foi de 38,2% ao ano para 2001-2010, o mais elevado entre as maiores empresas de mineração.

Como agente de sustentabilidade global, investimos US\$ 737 milhões na proteção e conservação ambiental e US\$ 399 milhões em projetos sociais, totalizando gastos de US\$ 1,136 bilhão em responsabilidade social corporativa. Continuamos a desenvolver soluções tecnológicas para conciliar a excelência no desempenho operacional e financeiro com a sustentabilidade, criando oportunidades de mobilidade social e econômica para as comunidades onde temos operações.

Os principais destaques do desempenho da Vale foram:

- Receita operacional recorde de R\$ 27,0 bilhões no 4T10 e de R\$ 85,3 bilhões em 2010.
- Lucro operacional recorde, medido pelo EBIT (lucro antes de juros e impostos), de R\$ 40,5 bilhões em 2010. O lucro operacional atingiu R\$ 12,8 bilhões no 4T10.
- Margem operacional recorde, medida pela margem EBIT, de 48,7% em 2010, que foi a melhor entre os concorrentes. No 4T10, a margem operacional atingiu 48,5%.
- Geração de caixa recorde, medida pelo EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização): R\$ 46,4 bilhões em 2010 e R\$ 14,6 bilhões no 4T10.
- Lucro líquido recorde de R\$ 30,1 bilhões, o maior da história na indústria de mineração, equivalente a R\$ 5,66 por ação, e lucro líquido de R\$ 10,0 bilhões no 4T10, o maior resultado de um quarto trimestre.
- Investimento recorde – excluindo aquisições – de US\$ 12,7 bilhões em 2010 e também o maior valor histórico de capex na indústria de mineração.
- Retorno de capital aos acionistas de US\$ 5,0 bilhões em 2010 via a distribuição de um total de US\$ 3,0 bilhões em dividendos, equivalente a US\$ 0,57 por ação, e recompra de ações de US\$ 2,0 bilhões.
- Relação dívida bruta/EBITDA de 1,0x ao final de 2010, ante 2,5x em dezembro de 2009.

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

R\$ milhões	2006	2007	2008	2009 (a)	2010	CAGR 06-10
Receita operacional	46.746	66.385	72.766	49.812	85.345	16,2%
EBIT	20.089	29.315	29.847	13.173	40.490	19,2%
Margem EBIT (%)	44,4	45,3	42,3	27,2	48,7	
EBITDA	22.759	33.619	35.022	18.641	46.378	19,5%
Lucro líquido	13.431	20.007	21.279	10.337	30.070	22,3%
Lucro líquido por ação (R\$)	2,78	4,14	4,08	0,97	5,66	19,5%
Exportações (US\$ milhões)	9.656	12.492	17.606	13.719	29.090	31,7%
Exportações líquidas (US\$ milhões)	8.784	11.533	16.203	12.999	27.668	33,2%

R\$ milhões	4T09 (a)	3T10	4T10
Receita operacional	12.048	26.376	26.958
EBIT	2.268	14.615	12.842
Margem EBIT (%)	19,4	56,9	48,5
EBITDA	3.716	15.923	14.636
Lucro líquido	2.707	10.554	10.002
Exportações (US\$ milhões)	3.582	9.791	9.004
Exportações líquidas (US\$ milhões)	3.485	9.356	8.436

(a) Período ajustado pelos novos pronunciamentos contábeis dos CPC's para efeito comparativo. Para maiores esclarecimentos, favor verificar as Demonstrações Contábeis em 31/12/2010, na CVM em nosso website www.vale.com/Investidores/Resultados e Informações Financeiras/Relatórios CVM.

As demonstrações contábeis condensadas trimestrais foram elaboradas de acordo com o CPC 21 - Demonstrações Contábeis Intermediárias e tomaram como base a Lei das Sociedades por Ações (com nova redação dada pela Lei 11.638), Lei 11.941, os pronunciamentos, orientações e interpretações do Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) e da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). A Companhia adotou a partir de 1º de janeiro de 2010, retroativamente a 1 de janeiro de 2009, para fins de comparação, todos os pronunciamentos emitidos pelo CPC e aprovados pela CVM. Dessa forma, certos saldos e classificações anteriormente apresentados, estão sendo reapresentados em bases comparativas. De acordo com os critérios mencionados acima, são consolidadas as empresas nas quais a Vale tem controle efetivo ou controle compartilhado definido por acordo de acionistas. No caso das empresas onde a Vale possui controle efetivo, a consolidação é feita em base 100% e a diferença entre este valor e o percentual da participação da Vale no capital da controlada é descontado através da linha de participações minoritárias. As principais empresas controladas da Vale são: Alumina do Norte do Brasil S.A. – Alunorte, Alumínio Brasileiro S.A. – Albras, Companhia Mienera Misky Mayo S.A.C, Ferrovia Centro-Atlântica S.A, Ferrovia Norte Sul S.A, Mineração Corumbaense Reunida S.A, PT International Nickel Indonesia Tbk, Vale Australia Pty Ltd., Vale Colombia Ltd, Vale Fertilizantes S.A (anteriormente Fosfertil), Vale Fosfatados S.A, Vale Canada Limited (anteriormente Vale Inco), Vale International S.A, Vale Manganês S.A., Vale Manganèse France, Vale Manganèse Norway e Vale Nouvelle-Caledonie SAS. No caso das empresas onde o controle é compartilhado, a consolidação é proporcional à participação que a Vale possui no capital de cada empresa. As principais empresas onde a Vale detém controle compartilhado são California Steel Industries, Inc., Mineração Rio do Norte S.A, Hispanobras, MRS Logística S.A e Samarco Mineração S.A.

▼ PERSPECTIVAS DOS NEGÓCIOS

A economia mundial está acelerando mais rapidamente do que o esperado e 2011 será, provavelmente, mais um ano de crescimento acima da tendência de longo prazo de 4% ao ano.

Depois da desaceleração na metade do ano, a produção industrial global reacelerou no 4T10 e continua a expandir-se no início deste ano, sugerindo que o ritmo de recomposição de estoques caiu significativamente e que as empresas estão respondendo a uma demanda final por bens mais vigorosa. Depois de sucessivas quedas de abril a setembro de 2010, o *Global Manufacturing PMI*, computado pelo JP Morgan, registrou em janeiro de 2011 o quarto mês de crescimento consecutivo. Simultaneamente, o índice de novas encomendas e a razão entre encomendas e estoques – dois importantes indicadores antecedentes – estão crescendo e retornando aos níveis preexistentes no 1T10, sinalizando assim aumento na produção industrial ao longo dos próximos meses.

Dada a dinâmica das recuperações de recessões, não esperamos retorno ao crescimento de dois dígitos da produção industrial tal como observado nos primeiros doze meses da recuperação global, mas uma robusta expansão da produção capaz de sustentar vigorosa demanda por minerais e metais.

O crescimento da atividade econômica global apresenta atualmente maior abrangência setorial e geográfica do que no primeiro estágio da recuperação da Grande Recessão de 2008/2009.

Pela primeira vez desde meados de 2003, quando o PIB global se expandia acima de 5% ao ano, há aceleração sincronizada nos setores industriais e de serviços, indicando ampla retomada da demanda final, o que fortalece a sustentabilidade do crescimento. A retomada nas atividades do setor de serviços é especialmente importante em função do potencial para gerar aumento de empregos, o que por sua vez incentivará gastos com consumo.

Acompanhando a ampliação do crescimento em diversos setores, existem melhorias na abrangência geográfica da atividade econômica global. A mudança no ritmo de crescimento se disseminou entre os países, se constituindo como força adicional para apoiar a recuperação. Enquanto os EUA têm assumido um papel de liderança na reaceleração do crescimento global,

os principais países da zona do Euro parecem estar experimentando sólida expansão.

Apesar da existência de riscos de que as turbulências financeiras na periferia da zona do Euro reapareçam, é provável que os mercados se comportem da mesma forma que antes, quando atravessaram a turbulência de dezembro de 2010 com o estresse restrito à região, não afetando outros países. Apesar do potencial para maior integração dentro da zona do Euro, as economias periféricas normalmente apresentam ciclos de negócios dessincronizados em relação aos das economias centrais, e esperamos que isso continue no curto prazo.

A expansão da atividade econômica global em ritmo mais acelerado é estimulada por alguns importantes fundamentos.

As políticas monetárias dos bancos centrais das economias desenvolvidas continuam expansionistas, o que tem sido essencial para sustentar a recuperação.

As empresas, com excelente lucratividade e sólidos fluxos de caixa, têm abandonado a postura defensiva que prevaleceu até meados de 2010, adotando expansão mais agressiva de dispêndios de capital. Por exemplo, os investimentos da mineração no mundo, liderados pela Vale com US\$ 24 bilhões, muito provavelmente superarão neste ano o pico de US\$ 120 bilhões alcançado em 2008. Gastos com bens de consumo duráveis, que permaneceram contidos em economias desenvolvidas, têm aumentado nos EUA e Japão desde o fim do ano passado.

As condições financeiras têm dado suporte ao crescimento. Simultaneamente à ampla liquidez e à baixa volatilidade de preços nos mercados globais de capital, do ponto de vista do crédito bancário, as *Senior Lending Officer Surveys* para EUA, Japão, zona do Euro e Reino Unido, estão mostrando melhora considerável tanto na oferta (prazos e padrões de crédito) quanto na demanda por empréstimos corporativos, o que gera um *feedback* positivo para a recuperação econômica.

Pela primeira vez desde o 3T07 os “surveys” têm indicado crescimento na demanda por crédito, o que tem ocorrido mais pronunciadamente nos EUA e Alemanha. Ao mesmo tempo, os bancos têm começado a facilitar prazos e padrões de

empréstimos para a concessão de crédito ao consumidor, incluindo cartões de crédito e financiamento de automóveis, enquanto a demanda do consumidor tem se estabilizado após longo período de declínio iniciado em 2006.

Nos últimos meses, fluxos de fundos de investidores têm sido realocados de mercados emergentes para desenvolvidos. Conseqüentemente, os preços de ações em mercados emergentes têm tido desempenho inferior ao dos mercados no mundo desenvolvido, particularmente nos primeiros meses de 2011.

Este movimento é parcialmente influenciado pela mudança de percepção quanto às perspectivas de crescimento das economias desenvolvidas, que até recentemente eram pessimistas. Outra razão é o temor por parte dos investidores de uma inflação crescente nas economias emergentes.

De fato, apesar das interconexões decorrentes da globalização, espera-se que o crescimento das economias emergentes continue dissociado das economias avançadas, em linha com o fenômeno de longo prazo da convergência condicional, no qual economias de baixa renda per capita convergem para os níveis atingidos pelas nações mais ricas.

A expansão econômica mais rápida do mundo desenvolvido, tudo o mais constante, pode somente contribuir para o melhor desempenho das economias emergentes. Adicionalmente, ajuda a fortalecer a demanda por minerais e metais nesses países. Depois de uma contração severa em 2009, o consumo de metais nas economias desenvolvidas ainda está abaixo dos níveis pré-crise. Isto é mais notável no caso do aço, cujos níveis de consumo vigentes em 2010 foram quase 20% menores que o pico de 2007.

Parte significativa das pressões inflacionárias vem do acentuado aumento nos preços de produtos agrícolas iniciado em meados de 2010, causado por vários choques de oferta, originados de condições climáticas adversas em países como Rússia, Austrália, Argentina, EUA e China. O repasse dos preços de alimentos para os índices de preços tende a ser maior em economias emergentes, já que estas são mais intensivas no consumo de alimentos não processados e onde grande parte do orçamento das famílias é destinado ao consumo de alimentos.

Aumentos nos preços de alimentos representam mudanças de preços relativos – alimentos estão se

tornando mais caros em relação a outros bens e serviços – e não constituem causa fundamental da inflação – aumento generalizado e contínuo de preços. Assim, as altas desses preços tendem a implicar somente em elevação temporária na inflação.

A influência dos preços de commodities sobre os índices de preços ao consumidor tende a ser baixa, com impacto diluído ao longo da cadeia de produção e com magnitude decrescente à medida em que nos movemos do *upstream* para o *downstream*. Desde os anos 80, quando os bancos centrais começaram a ganhar credibilidade no combate à inflação, há baixa correlação entre variações nos preços de commodities e o núcleo dos preços ao consumidor, mesmo em períodos de rápido crescimento econômico e elevada utilização de recursos.

Os bancos centrais de países emergentes estão respondendo adequadamente aos choques nos preços agrícolas, aumentando taxas de juros para conter os efeitos de segunda ordem sobre os índices de preços e bloquear a transmissão das variações dos preços agrícolas sobre os demais preços da economia. Tal medida tem o intuito de evitar o repasse desses choques ao núcleo da inflação.

Há alguns casos de países emergentes onde as mudanças nas expectativas de inflação devem-se ao excesso de demanda. Nestes, os bancos centrais estão apertando a política monetária e normalizando as políticas fiscais contra-cíclicas adotadas em 2009.

O maior desafio futuro é o de normalizar políticas em velocidade que sustente o crescimento e ao mesmo tempo restrinja as pressões inflacionárias que irão emergir à medida que o ciclo expansionista se consolida. A experiência com políticas monetárias em economias emergentes ao longo dos últimos dez anos nos mostra que os bancos centrais têm conseguido superar esse desafio. A credibilidade das políticas monetárias em economias emergentes é um dos fatores que têm contribuído para que elas tenham sido capazes de resistir à crise financeira global e de crescer rapidamente ao longo da última década.

Acreditamos que, exceto em caso de deterioração das condições subjacentes, esses receios se assemelhem a outros ruídos que no passado recente produziram altas da volatilidade de preços de ativos financeiros e de *commodities* sem

nenhum impacto material na economia real e nas perspectivas de crescimento econômico.

No caso específico da China, a maior economia emergente, as elevações recentes nos índices de preços ao consumidor geraram preocupações crescentes com a inflação e com as conseqüências do combate à alta de preços. Taxas mensais de inflação mais elevadas têm se originado principalmente dos preços de alimentos, em especial de preços de vegetais sensíveis a condições climáticas. Enquanto que a inflação dos alimentos – que na China representam 34% da cesta do Índice de Preços ao Consumidor – está em 10,3% ante mesmo mês do ano anterior, os preços de outros bens e serviços aumentaram 2,6%. Considerando-se que não haja desastres naturais consideráveis, esperamos uma moderação nos preços de alimentos, o que contribuirá para a desaceleração da inflação.

O *People's Bank of China* (PBoC), o banco central da China, utiliza diversas ferramentas para controlar o estoque de moeda e de crédito, tendo este último importância crescente, dado que já atinge 130% do PIB. Apesar de haver outras formas de financiamento, os empréstimos bancários continuam sendo a fonte mais importante de financiamento externo das companhias e de governos locais.

O PBoC elevou oito vezes a taxa de recolhimento compulsório de reservas desde o início do ano passado, num esforço de esterilizar o impacto monetário do expressivo aumento das reservas internacionais do país, a custos mais baixos do que as taxas de juros de mercado.

As taxas de empréstimos bancários são determinadas diretamente pelo PBoC e realmente importam na composição do custo de capital. Dado seu baixo patamar em termos reais, especialmente quando comparado com os retornos esperados de investimentos em capital fixo, as taxas de empréstimo não têm sido uma restrição efetiva para a demanda. Da mesma forma, acreditamos que a elevação das taxas na margem não afete o volume de empréstimos bancários.

A não ser que o PBoC decida usar de forma mais intensa instrumentos orientados para mercado, como, por exemplo, um significativo aumento na taxa de juros, a ferramenta mais efetiva para se controlar a expansão de crédito é o uso de controles quantitativos diretos, que funcionam ao obrigar os grandes bancos comerciais estatais a

reduzir empréstimos, como aconteceu em 2004, no final de 2007 e em parte de 2008.

Por enquanto, as autoridades chinesas não empregaram neste ciclo controles quantitativos para restringir a expansão do crédito bancário, o que provavelmente deve-se às expectativas de que os aumentos recentes na taxa de inflação sejam um fenômeno temporário.

A produção industrial e os investimentos em capital fixo tiveram uma reaceleração na segunda metade de 2010 na China. Considerando-se o crescimento do PIB, a economia chinesa teve ótimo desempenho no último trimestre de 2010, com expansão de 12% ante o trimestre anterior, em termos anualizados, com ajuste sazonal. Este foi o maior aumento desde o 2T09, quando a economia chinesa ainda se recuperava do choque financeiro global.

Esperamos que o crescimento da China permaneça acima de 10% na primeira metade de 2011, principalmente devido ao bom desempenho da demanda doméstica. A demanda por minerais e metais deve permanecer forte, não só devido ao rápido crescimento econômico, mas também à restocagem.

Desde meados de julho de 2010, os preços de minério de ferro no mercado à vista têm aumentado, tendo alcançado quase US\$ 200 por tonelada métrica, superando o pico pós-crise de US\$ 186 em abril último. Tal elevação de preços reflete uma combinação de forte demanda global – capitaneada pela China – com oferta limitada.

A produção mundial de aço carbono teve trajetória bastante semelhante à da produção industrial global. Depois de forte recuperação de meados de 2009, a produção de aço atingiu seu nível máximo em abril de 2010 e desde então apresentou arrefecimento. Porém, uma tendência de reversão iniciou-se no 4T10 e a produção de aço atingiu em dezembro de 2010 nova máxima histórica, de 1,47 bilhão de toneladas métricas em termos anualizados e com ajuste sazonal, o que tem se traduzido em crescentes pressões de demanda por minério de ferro e carvão metalúrgico.

Do lado da oferta, a Índia, que até pouco tempo era o segundo maior fornecedor da China, tem perdido espaço, tendo sido ultrapassada pelo Brasil desde 2007. A participação da Índia nas importações chinesas diminuiu continuamente

desde o pico de 25% atingido em 2005, para 15,6% em 2010.

A Índia tem realocado quantidade crescente de minério de ferro para seus próprios alto-fornos, dada a forte demanda por aço resultante do rápido crescimento econômico, o que tem estimulado a produção de aço a expandir a uma taxa média de 11,7% ao ano de 2005 a 2010.

Portanto, a queda de 11% nas exportações indianas ano passado, a primeira em muitos anos, está longe de ser um evento pontual, sendo provavelmente parte de uma tendência, já que a Índia precisará de um volume crescente de minério de ferro para fomentar seu processo de industrialização e os necessários investimentos em infraestrutura.

A qualidade do minério de ferro chinês tem se deteriorado continuamente, requerendo quantidade crescente de minério bruto (“run-of-the-mine”) para produzir a mesma quantidade de minério de ferro a ser usada nos alto-fornos, falhando em acelerar a produção como inicialmente imaginado. Uma clara indicação das restrições de oferta global de minério de ferro é o fato de que, para atender a crescente demanda por importados, a China tem ampliado sua base de fornecedores, incluindo aqueles não-tradicionais de menor escala e que embarcam o minério por via terrestre, já que os fornecedores tradicionais no mercado transoceânico – Brasil, Austrália e Índia – não têm sido capazes de satisfazer o apetite chinês pela matéria prima.

Os preços de carvão metalúrgico têm aumentado desde o 2S10, devido a pressões de demanda e ao choque de oferta produzido pelas fortes chuvas e inundações no estado de Queensland, na Austrália, um importante produtor global e exportador, e tenderão a permanecer em patamares elevados, com implicações positivas para o mercado de minério de ferro. O encarecimento do carvão tende a estimular uso mais intensivo de minério de ferro de alta qualidade para tornar possíveis economias no consumo de coque nos alto-fornos das siderúrgicas, o que adiciona pressão ao prêmio por nossos minérios.

Eliminando-se as influências cíclicas e a volatilidade de preço de curto prazo, os preços reais do minério de ferro parecem ter ingressado numa tendência de alta de longo prazo semelhante àquela que perdurou da Segunda Guerra Mundial até o início dos anos 70. Essa tendência reflete o

aumento no prêmio pela escassez relativa, já que, apesar dos incentivos de preço, a expansão da capacidade produtiva não tem sido suficiente para acompanhar o ritmo da demanda, devido principalmente a restrições geológicas e institucionais. Um fato que é freqüentemente ignorado ao se projetar níveis futuros de produção é a extensão da demanda por investimentos para reposição, que requer volume relativamente grande de minério de ferro para repor a capacidade perdida.

Nesse cenário de crescente escassez, as imensas reservas de alta qualidade de minério de ferro da Vale e sua comprovada capacidade de desenvolver e entregar projetos de larga escala, embasada por uma poderosa geração de caixa, se constituem em relevante vantagem competitiva e contribuem de forma expressiva para a criação de valor ao acionista¹.

Após três anos de declínio, a produção mundial de aço inoxidável – responsável por quase dois terços do consumo de níquel – aumentou 23,4% em 2010, a maior alta de todos os tempos. Depois da expansão no 4T10 em relação ao trimestre anterior – em termos anualizados e ajustados sazonalmente – de 10%, a produção de aço inoxidável continua a crescer, com as usinas operando em plena capacidade, devido ao aumento nas encomendas. Os preços do aço inoxidável 304 continuam aumentando, mas mesmo assim permanecem 30% abaixo do pico de 2007.

A demanda de níquel para aplicações fora da produção de aço inoxidável, mercado no qual a Vale é líder, tem tido bom desempenho e tende a melhorar devido a projetos das indústrias aeroespacial, petroquímica e de petróleo e gás.

A demanda foi forte o suficiente para superar a potencial pressão negativa que as elevações nos níveis de produção poderiam ter sobre os preços em 2010. Por exemplo, como resultado da normalização das operações canadenses no 2S10, nossa produção de níquel aumentou 55,7% em relação ao 1S10. Após a correção causada pelo estresse financeiro no 2T10 na Europa Continental, os preços do níquel, em decorrência da solidez nos fundamentos e da influência do comovimento dos preços das commodities,

¹ A Vale foi a empresa de mineração diversificada que mais gerou retorno total ao acionista no mundo de 1999 a 2009, de 35,7% ao ano, de acordo com “Value creation in mining”, The Boston Consulting Group, fevereiro de 2011. De dezembro de 2008 a dezembro de 2009, a Vale criou US\$ 130 bilhões em valor aos acionistas e distribuiu US\$ 15,3 bilhões em dividendos.

atingiram recentemente quase US\$ 30.000 por tonelada métrica, tendo saído de um patamar de US\$ 18.000 no início de junho. Os estoques do metal, que estavam aumentando gradualmente desde agosto de 2010 até o fim do ano face à expectativa de preços mais altos, começaram a diminuir em janeiro de 2011, refletindo desequilíbrio entre oferta e demanda.

Espera-se que os fundamentos do mercado de níquel permaneçam favoráveis no futuro próximo.

O consumo de aço inoxidável é fortemente correlacionado com os gastos de consumo e elástico em relação ao crescimento da renda. Isso ajuda a explicar por que a intensidade do consumo de níquel, medido por consumo por US\$ de PIB, ainda é menor nas economias emergentes do que nas mais avançadas, diferentemente de outros metais, como aço e cobre. As economias emergentes deverão se manter na trajetória de rápido crescimento da renda per capita, como nos últimos anos, liderando a expansão das despesas de consumo no mundo, o que implica em significativo potencial de crescimento da demanda por níquel no médio prazo.

No curto prazo, não se espera que a oferta apresente uma reação substancial aos preços. Um dos dois alto-fornos de nosso *smelter* de Copper Cliff, em Sudbury, ficará inoperante por um período de, no mínimo, 16 semanas, o que implica em perda de produção de 15.000 toneladas métricas de níquel refinado. Além disso, espera-se que parcela majoritária dos aumentos na produção global decorrentes de novos projetos que entrarão em funcionamento se materialize somente na segunda metade do ano.

Projetos de níquel laterítico limonítico – o tipo mais abundante de minério de níquel nas reservas mundiais – vêm enfrentando dificuldades em atender às expectativas de prazo do *ramp up* e de atendimento da capacidade nominal programada. Tais dificuldades possuem potencial para conservar a oferta global restrita ao longo do tempo.

Ao lado de uma forte demanda, restrições de oferta de cobre continuam a exercer pressões de alta nos preços. Além de eventos pontuais, como greves, a dificuldade em manter níveis de produção em minas mais antigas – onde os teores estão diminuindo progressivamente – é uma característica fundamental do fenômeno da restrição da oferta. Um mercado aquecido e, na margem, a contribuição do co-movimento nos

preços de *commodities* levaram as cotações do cobre para níveis em torno de US\$ 10.000 por tonelada métrica no início deste mês, com alta de 64% acima da mínima de US\$ 6.100 do começo de junho de 2010.

A oferta crescente de sucata, estimulada pelo movimento dos preços do cobre, e a ameaça potencial da substituição, dado a ampliação do *spread* em relação ao preço do alumínio – que saltou para US\$ 7.500 por tonelada em fevereiro de 2011, comparado com US\$ 1.275 em janeiro de 2009 – podem vir a influenciar alguma moderação nos preços.

O projeto Tres Valles, no Chile, com capacidade de 18.500 toneladas métricas de catodos de cobre, está em processo de *ramp up*. A primeira fase do projeto Salobo, com capacidade de 100.000 toneladas métricas por ano de cobre em concentrado, está prevista para entrar em operação no 2S11.

O mercado de fertilizantes tem sido influenciado positivamente pelo aumento da lucratividade dos agricultores, determinado pelo aumento dos preços dos grãos, pelas condições financeiras favoráveis e pelo consumo dos estoques ao longo de 2009 e 2010.

A maior parte da nossa produção é destinada ao mercado brasileiro, que é o quarto maior consumidor do mundo e onde o consumo cresceu 6% ao ano nas últimas duas décadas, muito acima da expansão global. A demanda é sazonalmente baixa no primeiro semestre do ano, aumentando posteriormente para atender a principal época de colheita no Brasil, de setembro a novembro.

Os preços de rocha fosfática e de fosfatados, como MAP e DAP, começaram a subir a partir do início de 2010 e deverão ficar estáveis ao longo deste ano. Como o consumo dos estoques se estendeu por um período mais longo, os preços do potássio começaram a se recuperar apenas no final de 2010, devendo passar para um patamar mais elevado em 2011. Neste início de ano várias elevações de preços tem sido anunciadas, confirmando as previsões otimistas sobre sua evolução.

Apesar dos riscos operacionais e de mercado aos quais as mineradoras normalmente estão expostas, esperamos que o desempenho da Vale em 2011 continue concorrendo para a sustentabilidade do processo de criação de valor aos acionistas.

▼ RECEITA

Em 2010, nossa receita operacional alcançou recorde histórico de R\$ 85,345 bilhões, 71,3% acima dos R\$ 49,812 bilhões em 2009 e 17,3% maior que nosso recorde anterior de R\$ 72,766 bilhões em 2008.

Preços mais elevados foram responsáveis pela maior parte do aumento da receita total de R\$ 35,533 bilhões sobre 2009, contribuindo com R\$ 38,268 bilhões, enquanto o aumento do volume de vendas adicionou R\$ 7,366 bilhões. Maiores preços de minério de ferro e pelotas foram os fatores que mais contribuíram, adicionando R\$ 23,999 bilhões e R\$ 8,771 bilhões à receita, respectivamente.

No 4T10, a receita alcançou um novo recorde de R\$ 26,958 bilhões. Este valor foi 2,2% acima dos R\$ 26,376 bilhões do 3T10, resultado da contribuição do aumento do volume de vendas, R\$ 2,206 bilhões. Menores preços de vendas tiveram impacto negativo de R\$ 1,139 bilhão.

O maior volume de vendas pode ser explicado, principalmente, por um aumento de R\$ 1,242 bilhão em metais base, por conta do retorno a normalidade das operações de níquel no Canadá, e R\$ 1,012 bilhão na receita do segmento de *bulk materials*. A contração nos preços é devido, principalmente, a menores preços de minério de ferro e pelotas, R\$ 1,308 bilhão, parcialmente compensados por maiores preços de metais base em R\$ 686 milhões.

As vendas de *bulk materials* – composto por minério de ferro, pelotas, minério de manganês, ferro ligas, carvão metalúrgico e térmico – representaram 73,4% da receita operacional em 2010, aumentando desde os 62,7% em 2009. A participação de metais base na receita total diminuiu de 26,9% para 17,0% em 2010, devido à greve no Canadá. A participação da receita de vendas de fertilizantes foi de 3,7% em 2010, aumentando de 1,6% do ano anterior. Serviços de logística contribuíram com 3,8% e outros produtos com 2,0%.

Em 2010, as vendas para Ásia representaram 52,2% da receita total, abaixo da participação de 55,6% em 2009. A parcela de vendas para clientes nas Américas foi de 24,3%, em linha com os 25,4% em 2009. A receita proveniente de embarques para Europa aumentou de 16,2% em 2009 para 19,0%, recuperando espaço perdido durante a recessão, e o resto do mundo contribuiu com 4,5%.

Considerando as vendas por país, a China foi responsável por 32,3% de nossas receitas, Brasil 16,8%, Japão 10,9%, Alemanha 6,6%, Coreia do Sul 3,9% e os EUA 2,9%.

COMPOSIÇÃO DA RECEITA OPERACIONAL							
R\$ milhões	4T09	3T10	4T10	2009	%	2010	%
Bulk materials	7.769	20.229	19.243	31.214	62,7	62.661	73,4
Minerais ferrosos	7.532	19.850	18.842	30.212	60,7	61.322	71,9
Minério de ferro	5.948	15.000	14.136	25.234	50,7	45.419	53,2
Serviços de operação de usinas de pelotização	6	1	9	18	-	22	-
Pelotas	1.206	4.440	4.269	3.869	7,8	14.205	16,6
Manganês	111	118	76	275	0,6	458	0,5
Ferro ligas	198	280	289	693	1,4	1.091	1,3
Outros	63	11	63	123	0,2	127	0,1
Carvão	237	378	401	1.002	2,0	1.339	1,6
Carvão Térmico	112	196	77	400	0,8	515	0,6
Carvão Metalúrgico	125	182	324	602	1,2	824	1,0
Metais não ferrosos	2.984	3.401	5.172	13.414	26,9	14.505	17,0
Níquel	1.289	1.556	2.439	6.457	13,0	6.698	7,8
Cobre	569	689	1.276	2.232	4,5	2.794	3,3
PGMs	2	17	130	291	0,6	174	0,2
Metais preciosos	5	18	78	133	0,3	124	0,1
Cobalto	11	7	26	84	0,2	52	0,1
Alumínio primário	452	378	502	1.687	3,4	1.794	2,1
Alumina	603	677	654	2.337	4,7	2.650	3,1
Bauxita	53	60	67	193	0,4	219	0,3
Fertilizantes	188	1.400	1.304	810	1,6	3.201	3,8
Potássio	188	151	125	810	1,6	492	0,6
Fosfatados	-	1.002	868	-	-	2.085	2,4
Nitrogenados	-	230	302	-	-	593	0,7
Outros	-	17	9	-	-	31	-
Serviços de logística	722	894	722	2.838	5,7	3.236	3,8
Ferrovias	570	712	602	2.322	4,7	2.605	3,1
Portos	152	182	120	516	1,0	631	0,7
Outros	385	452	517	1.537	3,1	1.742	2,0
Total	12.048	26.376	26.958	49.812	100,0	85.345	100,0

RECEITA OPERACIONAL POR DESTINO							
R\$ milhões	4T09	3T10	4T10	2009	%	2010	%
América do Norte	751	1.182	1.601	4.138	8,3	4.556	5,3
EUA	426	633	773	2.264	4,5	2.433	2,9
Canadá	292	490	789	1.832	3,7	1.994	2,3
Outros	33	59	40	42	0,1	130	0,2
América do Sul	2.448	5.063	4.797	8.507	17,1	16.148	18,9
Brasil	2.179	4.566	4.196	7.758	15,6	14.306	16,8
Outros	269	497	601	749	1,5	1.842	2,2
Ásia	6.015	14.502	14.569	27.709	55,6	44.544	52,2
China	3.560	9.137	9.317	18.379	36,9	27.581	32,3
Japão	1.528	2.975	2.858	4.709	9,5	9.303	10,9
Coreia do Sul	352	1.130	1.244	1.783	3,6	3.359	3,9
Taiwan	292	565	763	1.365	2,7	2.168	2,5
Outros	283	696	388	1.474	3,0	2.133	2,5
Europa	2.406	4.517	4.725	8.080	16,2	16.217	19,0
Alemanha	804	1.598	1.826	2.118	4,3	5.601	6,6
Bélgica	181	229	356	661	1,3	766	0,9
França	230	351	613	661	1,3	1.339	1,6
Reino Unido	163	482	611	1.103	2,2	2.052	2,4
Itália	253	501	548	650	1,3	1.832	2,1
Outros	775	1.356	771	2.888	5,8	4.628	5,4
Resto do mundo	428	1.112	1.266	1.377	2,8	3.879	4,5
Total	12.048	26.376	26.958	49.812	100,0	85.345	100,0

▼ CUSTOS

A contrapartida ao forte crescimento da demanda e a elevação consequente dos preços de minérios e metais, são as pressões de demanda por mão de obra, equipamentos, peças sobressalentes, serviços de engenharia e outros insumos, na medida em que as empresas de mineração passam a operar a plena capacidade e a investir na construção de capacidade adicional. Portanto, as pressões de custo são um fenômeno esperado durante a fase de expansão do ciclo econômico.

Este processo está começando a acontecer, embora em ritmo moderado. Durante os últimos anos, desenvolvemos várias iniciativas para cortar custos, com foco especial nos custos fixos, para aumentar a resiliência a um ambiente de mercado apertado para insumos.

Nossos custos no 4T10 foram inflados pelos efeitos de alguns movimentos necessários para aumentar a exposição ao ciclo, como a retomada das operações de nossos ativos no Canadá à plena capacidade, o aumento de vendas, a consolidação dos ativos recém adquiridos de fertilizantes e o *start-up* de projetos que estão entrando em operação.

O custo dos produtos vendidos (CPV) aumentou R\$ 1,381 bilhão na comparação trimestral, alcançando R\$ 10,385 bilhões no 4T10. Este acréscimo foi devido principalmente: (a) aumento da depreciação, um item não caixa, líquido do efeito da variação da taxa de câmbio², de R\$ 463 milhões; (b) custo adicional decorrente da retomada das operações de níquel, R\$ 396 milhões; (c) aumento das vendas de outros produtos com exceção que o níquel, R\$ 273 milhões; (d) aumento de compras de produtos de terceiros, R\$ 123 milhões; (e) custos com as operações de VNC, R\$ 75 milhões.

O CPV totalizou R\$ 33,756 bilhões em 2010, R\$ 6,006 bilhões maior que em 2009, impactado pelo maior volume de vendas em R\$ 2,259 bilhões.

² A composição do CPV por moeda no 4T10 foi: 64% em reais, 17% em dólares americanos, 15% em dólares canadenses, 2% em dólares australianos e 3% em outras moedas.

O custo com materiais – 16,0% do CPV – foi R\$ 1,665 bilhão com um aumento de 4,6% contra o 3T10. Excluindo os efeitos do maior volume de vendas (R\$ 114 milhões) e do impacto da variação cambial (R\$ 4 milhões), custos com materiais seriam menores em R\$ 45 milhões com relação ao último trimestre.

No 4T10, os gastos com consumo de energia representaram 15,2% do CPV. Estas despesas alcançaram R\$ 1,578 bilhão, um pouco acima dos R\$ 1,621 bilhão no 3T10. Enquanto os custos com gases e combustíveis diminuíram em 13,2% em relação ao 3T10, os gastos com eletricidade aumentaram em 15,6%, alcançando R\$ 681 milhões.

O custo de serviços contratados somou R\$ 1,409 bilhão – 13,6% do CPV – contra R\$ 1,219 bilhão no 3T10. Do aumento de R\$ 190 milhões no custo desses serviços, R\$ 130 milhões foram causados pelo crescimento no volume de vendas, refletindo principalmente o fim da greve em nossas operações canadenses e o nível recorde de produção alcançado em Carajás. O principal item dos serviços contratados foram os serviços operacionais, que alcançaram R\$ 478 milhões, um aumento de R\$ 137 milhões por conta do aluguel de equipamentos, que aumentou em R\$ 13 milhões, e remoção de estéril e minério em R\$ 7 milhões.

O custo com pessoal alcançou R\$ 1,258 milhões, representando 12,1% do CPV, contra R\$ 971 milhões no 3T10. O aumento refletiu o crescimento do volume de vendas principalmente devido ao retorno das nossas operações canadenses a normalidade, R\$ 96 milhões. Adicionalmente, em novembro de 2010, os empregados da Vale no Brasil receberam um bônus concedido pelo acordo bianual estabelecido em 2009, um efeito pontual de R\$ 56 milhões, além de um aumento salarial de 7%, adicionando R\$ 22 milhões aos custos com pessoal no 4T10; a contratação de novos funcionários contribuiu com R\$ 5 milhões e outros fatores, como promoções e o pagamento de horas extra de trabalho, com R\$ 51 milhões.

O custo de aquisição de produtos de terceiros resultou em R\$ 588 milhões – 5,7% do CPV – contra R\$ 465 milhões no 3T10.

As compras de minério de ferro e pelotas foram R\$ 233 milhões, um pouco abaixo dos R\$ 236 milhões no trimestre anterior. O volume de minério de ferro adquirido de pequenas mineradoras somou 3,1 Mt no 4T10, comparado com 2,3 Mt no 3T10.

A compra de produtos de níquel aumentou de R\$ 112 milhões no 3T10 para R\$ 230 milhões. Houve um crescimento substancial nas compras de produtos intermediários, compensado em parte pela redução na aquisição de produtos acabados. Ambos os movimentos estão relacionados ao retorno de nossas operações canadenses a normalidade neste trimestre. Operações de mineração, assim como de *smelting* e refino em Sudbury, a planta de metais preciosos de Port Colborne, e as operações de mineração e processamento de Voisey's Bay terminaram o processo de *ramp-up*.

O custo com serviços compartilhados atingiu R\$ 117 milhões, um pouco inferior ao 3T10, R\$ 121 milhões.

Por conta do crescimento orgânico e aquisições, nossa base de ativos vem se expandindo: o imobilizado em uso, líquido de depreciação e imobilizado em curso, aumentou de R\$ 75,619 bilhões em 2009 para R\$ 97,056 bilhões até o final de 2010.

A depreciação e amortização – 14,8% do CPV – alcançou R\$ 1,536 bilhão, um crescimento de R\$ 456 milhões quando comparado com o 3T10. A depreciação dos ativos de fertilizantes foi de R\$ 233 milhões, um aumento de R\$ 168 milhões contra 3T10, devido ao detalhamento da alocação do preço de compra dos ativos de fertilizantes. Os R\$ 288 milhões restantes podem ser explicados principalmente pelo *ramp-up* das operações canadenses

Os outros custos operacionais alcançaram R\$ 2,351 bilhões, comparado a R\$ 2,056 bilhões no 3T10. A alocação do custo operacional total, excluindo depreciação e amortização, da Vale Fertilizantes foi de R\$ 750 milhões, um pouco abaixo dos R\$ 765 milhões no 3T10, e que foi contabilizada em outros custos operacionais até 2010. Futuramente, os custos operacionais de fertilizantes serão distribuídos pelo CPV.

No 4T10, os custos de *demurrage* – multas pagas pelo atraso de carregamento de navios nos nossos terminais marítimos – chegaram a R\$ 127 milhões, equivalente a R\$ 1,72 por tonelada métrica de minério de ferro embarcada, contra R\$ 149 milhões no trimestre anterior.

As despesas com vendas, gerais e administrativas (SG&A) totalizaram R\$ 1,190 bilhão no 4T10, R\$ 410 milhões acima do 3T10. As maiores despesas com SG&A são principalmente explicadas pelo aumento em despesas com serviços de consultoria (R\$ 65 milhões), seguido por maiores gastos com publicidade e propagação (R\$ 54 milhões) e maiores despesas com pessoal (R\$ 38 milhões).

Pesquisa e desenvolvimento (P&D), que refletem investimentos na criação de oportunidades de crescimento de longo prazo, resultaram em gastos de R\$ 506 milhões neste trimestre³, R\$ 119 milhões maior que no 3T10.

Outras despesas operacionais alcançaram R\$ 1,570 bilhão, ante R\$ 892 milhões no 3T10, principalmente devido aos maiores níveis operacionais e provisões não caixa. O aumento reflete despesas de R\$ 479 milhões relacionadas ao *start-up* de operações (principalmente devido ao VNC) e custos pré-operacionais de R\$ 332 milhões (relacionadas a Moatize, Salobo e Onça Puma). Como VNC está em processo de *ramp-up* com objetivo de vender óxido de níquel e, simultaneamente, estamos produzindo e vendendo um produto intermediário, níquel hydroxide cake (NHC), os desembolsos relacionados à VNC impactaram o CPV, no que diz respeito os custos associados à produção do NHC, quanto às despesas pré-operacionais.

COMPOSIÇÃO DO CPV							
R\$ milhões	4T09(a)	3T10	4T10	2009 (a)	%	2010	%
Serviços contratados	1.238	1.219	1.409	4.277	15,4	4.640	13,7
Transportes	226	277	275	1.012	3,6	1.050	3,1
Manutenção	282	346	416	964	3,5	1.269	3,8
Serviços operacionais	470	341	478	1.125	4,1	1.369	4,1
Outros	260	255	240	1.176	4,2	953	2,8
Material	1.395	1.592	1.665	5.943	21,4	6.071	18,0
Peças sobressalentes e equipamentos de manutenção	577	611	576	1.982	7,1	2.251	6,7
Insumos	516	646	614	2.303	8,3	2.367	7,0
Pneus e correias transportadoras	77	65	72	310	1,1	315	0,9
Outros	225	270	403	1.348	4,9	1.138	3,4
Energia	1.260	1.621	1.578	4.539	16,4	5.858	17,4
Óleo combustível e gases	767	1.033	897	2.779	10,0	3.615	10,7
Energia elétrica	493	589	681	1.760	6,3	2.243	6,6
Aquisição de produtos	330	465	588	1.218	4,4	1.908	5,7
Pessoal	1.023	971	1.258	4.076	14,7	3.922	11,6
Depreciação e exaustão	1.128	1.080	1.536	4.642	16,7	4.916	14,6
Outros	827	2.056	2.351	3.055	11,0	6.440	19,1
Total	7.201	9.004	10.385	27.750	100,0	33.756	100,0

✓ LUCRO OPERACIONAL

Em 2010, o lucro operacional, medido pelo EBIT, atingiu um novo recorde de R\$ 40,490 bilhões, 35,7% maior do que o recorde anterior de R\$ 29,847 bilhões, em 2008. A margem operacional foi de 48,7% em 2010, ou 640 pontos base maior do que em 2008.

No 4T10, o lucro operacional foi de R\$ 12,842 bilhões, tendo apresentado um recuo em relação aos R\$ 14,615 bilhões do 3T10. A margem EBIT foi de 48,5% no 4T10, contra 56,9% no trimestre anterior. As principais razões pelo recuo de R\$ 1,773 bilhão foram uma queda nos preços realizados de minério de ferro

³ O valor das despesas com pesquisa e desenvolvimento é contábil pelo critério BRGAAP. Na seção Investimento neste *press release*, apresentamos o valor de US\$ 346 milhões para investimentos em pesquisa e desenvolvimento, registrado de acordo com o efetivo desembolso financeiro no 4T10.

e pelotas (R\$ 1,308 bilhão), bem como aumentos no CPV (R\$ 1,381 bilhão) e despesas operacionais (R\$ 1,207 milhões), parcialmente compensados por maiores volumes de venda dos *bulk materials* (R\$ 1,012 bilhão) e metais base (R\$ 1,242 bilhão) ajudaram a minimizar os efeitos negativos.

▼ LUCRO LÍQUIDO

O lucro líquido alcançou um novo recorde anual em 2010, de R\$ 30,070 bilhões, 42,6% acima do recorde anterior de R\$ 21,279 bilhões em 2008. O lucro líquido por ação em 2010 foi R\$ 5,66.

No 4T10, o lucro líquido totalizou R\$ 10,002 bilhões, o maior lucro líquido registrado em um quarto trimestre pela Vale, mas um pouco abaixo do 3T10, R\$ 10,554 bilhões.

A receita financeira aumentou de R\$ 157 milhões no trimestre anterior para R\$ 179 milhões. As despesas financeiras totalizaram R\$ 1,658 bilhão, ante R\$ 1,289 bilhão no 3T10, explicado principalmente pela marcação a mercado das debêntures participativas, que implicou em efeito negativo não caixa de R\$ 469 milhões, devido ao aumento dos seus preços.

No 4T10, o efeito líquido da marcação a mercado das transações com derivativos foi positivo em R\$ 794 milhões no lucro líquido, contra R\$ 853 milhões no trimestre anterior. Essas transações produziram impacto positivo no fluxo de caixa de R\$ 1,702 bilhão perante a apenas R\$ 167 milhões do trimestre anterior.

O resultado líquido dos *swaps* de moedas e taxas de juros, estruturados principalmente para converter nossa dívida em reais para dólar americano para proteger nosso fluxo de caixa da volatilidade cambial, produziu efeito positivo não caixa de R\$ 785 milhões no 4T10 e geraram efeito caixa positivo de R\$ 1,770 bilhão.

Nossas posições com derivativos de níquel produziram efeito negativo não caixa de R\$ 3 milhões no 4T10 contra o lucro líquido e efeito caixa negativo de R\$ 65 milhões no nosso fluxo de caixa.

As transações de derivativos relacionadas ao *bunker oil*, combustível utilizado em navios, e custos de frete, estruturados para minimizar a volatilidade do custo de frete marítimo do Brasil para Ásia, tiveram impacto não caixa positivo de R\$ 28 milhões, e geraram efeito caixa positivo no nosso fluxo de caixa de R\$ 31 milhões.

Como consequência da apreciação do real, nossa moeda funcional, em relação ao dólar americano⁴, a variação monetária e cambial líquida causou um impacto positivo em nosso lucro líquido de R\$ 210 milhões, contra R\$ 343 milhões no trimestre anterior.

O resultado de participações societárias foi negativo em R\$ 36 milhões no 4T10, contra R\$ 56 milhões no 3T10.

▼ GERAÇÃO DE CAIXA

Nossas operações registraram um recorde na geração de caixa, medida pelo EBITDA, de R\$ 46,378 bilhões em 2010, 32,4% acima do recorde anterior de R\$ 35,022 bilhões em 2008.

No 4T10, o EBITDA da Vale foi de R\$ 14,636 bilhões, em comparação com o valor recorde de R\$ 15,923 bilhões no 3T10.

A participação do segmento de *bulk materials* no EBITDA total da Vale diminuiu de 94,1% no 3T10 para 89,8% no 4T10, enquanto que a participação do negócio de metais base quase dobrou, aumentando de 5,4% no 3T10 para 10,6% no 4T10, devido aos maiores volumes de vendas e preços. Serviços de logística contribuíram com 1,7% do EBITDA total, seguido pelo negócio de fertilizantes, com 1,0%. Outros negócios e as despesas com P&D reduziram o EBITDA em 3,1%.

⁴ Do início ao final do 4T10, o real apreciou-se em 1,7% contra o dólar americano.

EBITDA					
R\$ milhões	4T09(a)	3T10	4T10	2009 (a)	2010
Receita operacional líquida	11.682	25.678	26.493	48.496	83.225
CPV	(7.201)	(9.004)	(10.385)	(27.750)	(33.756)
Despesas com vendas, gerais e administrativas	(696)	(780)	(1.190)	(2.347)	(3.201)
Pesquisa e desenvolvimento	(522)	(387)	(506)	(1.964)	(1.567)
Outras despesas operacionais	(995)	(892)	(1.570)	(3.262)	(4.211)
EBIT	2.267	14.615	12.842	13.173	40.490
Depreciação, amortização e exaustão	1.449	1.231	1.794	5.447	5.741
Dividendos recebidos	-	76	-	21	147
EBITDA	3.716	15.923	14.636	18.641	46.378

▼ INVESTIMENTOS

• Crescimento orgânico

No 4T10, a Vale realizou investimentos de US\$ 5,091 bilhões, excluindo aquisições. Os investimentos em crescimento orgânico totalizaram US\$ 3,434 bilhões, dos quais US\$ 3,103 bilhões foram dedicados a execução de projetos, US\$ 332 milhões a pesquisa e desenvolvimento (P&D) e US\$ 1,657 bilhão a manutenção das operações existentes.

Os investimentos em P&D no 4T10 – antes de ajustes – compreenderam US\$ 466 milhões, sendo US\$ 152 milhões aplicados em exploração mineral, US\$ 33 milhões para exploração de gás natural, US\$ 241 milhões em estudos conceituais, de pré-viabilidade e de viabilidade, e US\$ 40 milhões no desenvolvimento de novos processos, inovações e adaptações tecnológicas. Parte dos investimentos relacionados à exploração de gás natural foi ativada, seguindo a abordagem usual para a indústria de Óleo e Gás, e como consequência, US\$ 134 milhões dos investimentos na exploração de gás natural em 2010 foram reclassificados de P&D para execução de projetos. Após estes ajustes, investimentos em P&D no 4T10 totalizaram US\$ 332 milhões, com US\$ 51 milhões para exploração mineral.

Em 2010, os investimentos – excluindo aquisições – atingiram US\$ 12,705 bilhões, com US\$ 8,239 bilhões alocados no desenvolvimento de projetos, US\$ 1,136 bilhão em P&D – após ajustes na exploração de gás natural – e US\$ 3,330 bilhões na manutenção das operações existentes. Investimentos em responsabilidade social corporativa totalizaram US\$ 1,136 bilhões, US\$ 737 milhões destinados a proteção ambiental e US\$ 399 milhões em projetos sociais.

Realizamos 99% do orçamento de investimentos de US\$ 12,894 bilhões para o ano de 2010. A aderência da execução dos investimentos em relação ao planejado também foi exibida em anos anteriores, como em 2009, quando os dispêndios chegaram a 99,7% do orçamento de investimentos de US\$ 9,035 bilhões.

Investimentos na execução de projetos foram 95% dos US\$ 8,647 bilhões orçados para 2010 e alcançamos 93% dos US\$ 1,228 bilhão orçados para despesas com pesquisa e desenvolvimento (P&D). Isto foi parcialmente compensado por maiores investimentos na manutenção de operações existentes, principalmente devido à aquisição de ativos de fertilizantes no Brasil.

Em 2010, continuamos a explorar as oportunidades de crescimento orgânico através da implementação de projetos de classe mundial. A Vale concluiu seis projetos: (a) Adicional 20 Mtpa, projeto *brownfield* em Carajás de alta qualidade e baixo custo; (b) Bayóvar, mina de rocha fosfática no Peru; (c) Onça Puma, operação de ferro-níquel no estado do Pará, Brasil; (d) Tres Valles, operação de cobre no Chile; (e) Omã, operação de pelletização no Oriente Médio; e (f) TKCSA, uma planta siderúrgica no estado do Rio de Janeiro, Brasil.

No final do 1T10, começamos a operar novas instalações que adicionaram 20 milhões de toneladas por ano à capacidade das nossas operações de minério de ferro de Carajás. Devido à redução de gargalos e ao desenvolvimento de flexibilidade operacional, conseguimos duplicar a dimensão do aumento de capacidade em comparação aos planos originais.

No início do terceiro trimestre de 2010, iniciamos o processo de *ramp-up* das operações em Bayóvar, mina de rocha fosfática no Peru, com capacidade de produzir 3,9 Mtpa. A operação de Bayóvar começou dentro do prazo e do orçamento previstos e é uma das minas de rocha fosfática de mais baixo custo do mundo. Este é nosso primeiro projeto *greenfield* de fertilizantes e também nosso primeiro projeto *greenfield* de mineração concluído fora do Brasil.

As operações em Omã, no complexo industrial de Sohar, estão entrando em operação. São duas plantas de pelotização, cada uma com capacidade de produzir 4,5 milhões de toneladas métricas por ano (Mtpa, adicionando 9,0 Mtpa à nossa capacidade de produção. As duas plantas produzirão pelotas de redução direta. A primeira planta de Omã está em fase de comissionamento e aquecimento do forno, e espera-se que inicie produção em março. A segunda planta está sendo montada e deverá estar no estágio de *ramp-up* no final do primeiro semestre deste ano.

No quarto trimestre, iniciamos as operações em Tres Valles, mina de cobre em Salamanca, na região de Coquimbo, no Chile. A operação inclui duas minas, Don Gabriel (a céu aberto) e Papomono (subterrânea) que alimentam uma planta de processamento SX-EW (*solvent extraction electro winning*) para produzir catodos de cobre, com uma capacidade de produção de 18.500 toneladas métricas (t).

Também no quarto trimestre de 2010, fizemos o comissionamento de Onça Puma, operação de níquel (mina e planta de processamento) no estado do Pará, no Brasil. Sua capacidade nominal de produção é de 53.000 toneladas métricas por ano de níquel contido em ferro-níquel, seu produto final.

Thyssen-Krupp Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA) iniciou operações em 2010. A planta tem capacidade de 5 Mtpa. A Vale tem participação de 26,87% e é o fornecedor exclusivo de minério de ferro e pelotas, da ordem de 8,5 Mt anuais.

Em fevereiro de 2011, a Vale deu início às obras de reconstrução da ferrovia Conakry-Kankan na Guiné, dedicada ao transporte de passageiros e carga geral e compreendendo investimentos estimados em US\$ 1 bilhão, como parte dos compromissos com o governo daquele país ligados ao desenvolvimento de Simandou, o maior projeto de minério de ferro integrado, mina-ferrovia-porto, já desenvolvido na África. Este investimento não está incluído no capex do projeto Simandou fase 1, recentemente aprovado pelo Conselho de Administração. A recuperação da ferrovia irá contribuir para o desenvolvimento social e econômico da Guiné.

- **Projetos aprovados recentemente pelo Conselho de Administração**

Desde a divulgação de nossos resultados do 3T10⁵, quatro projetos alcançaram fase mais avançada de desenvolvimento e foram aprovados pelo nosso Conselho de Administração.

Área	Projeto	Orçamento US\$ milhões		Status
		2011	Total	
Bulk Materials /Logística	Carajás Serra Sul S11D	1.017	6.776	Localizado na serra sul de Carajás, no estado brasileiro do Pará, este projeto irá desenvolver um complexo de mina e usina de beneficiamento com capacidade de produzir 90 Mtpa, usando o conceito de mineração <i>truckless</i> . <i>Start-up</i> previsto para 2S14.

⁵ Novembro de 2010 a janeiro de 2011.

Carajás – Adicional 40 Mtpa	481	2.968	O antigo projeto Carajás Adicional 30 Mtpa foi expandido para 40 Mtpa e, como consequência, nosso Conselho de Administração aprovou o orçamento adicional de US\$ 490 milhões. Investimentos incluem a construção de uma usina de processamento a seco. Investimentos para aumento da capacidade do terminal marítimo de Ponta da Madeira foram finalizados em 2010. Licença de supressão vegetal e licença de instalação obtida. Previsão de <i>start-up</i> para o segundo semestre de 2012.
Simandou fase 1	861	1.260	A primeira fase de Simandou, na Guiné, tem capacidade estimada de 15 Mtpa. O projeto engloba o desenvolvimento da mina de Zogota (localizada no sul de Simandou), construção de uma usina de processamento a seco e a construção de aproximadamente 100km de malha ferroviária para ligar a operação a uma ferrovia pré-existente na Libéria. Programada para começar a produzir 2 Mtpa e atingir ao final de seu <i>ramp-up</i> , 15 Mtpa em 2014.
Teluk Rubiah	148	1.371	O projeto Teluk Rubiah, na Malásia, compreende a construção de um terminal marítimo com profundidade para receber navios de 400.000 dwt e pátios de estocagem com capacidade para movimentar até 30 milhões de toneladas métricas de minério de ferro por ano na fase inicial. Existe potencial de futura expansão para até 100 milhões de toneladas métricas por ano. O <i>start-up</i> está previsto para o primeiro semestre de 2014.

- **Gestão do portfólio de ativos**

Apesar de nossa prioridade estratégica ser o crescimento orgânico, a gestão do portfólio de ativos tem sido uma poderosa fonte suplementar de geração de valor aos acionistas da Vale.

Em 2010, gastos com aquisições chegaram a US\$ 6,707 bilhões. Em uma série de transações ao longo de 2010, adquirimos as operações brasileiras de fosfato de duas empresas: Fertilizantes Fosfatados S.A. – Fosfertil e Vale Fosfatados (antiga Bunge Participações e Investimentos S.A.). No final de 2010, detínhamos 100% das ações da Vale Fosfatados, e 78,92% do capital da Fosfertil, representando 99,8% das ações ordinárias e 68,2% das ações preferenciais. O custo total dessas aquisições foi de US\$ 5,829 bilhões. Em janeiro de 2011, a Vale Fosfatados foi incorporada na Vale Fertilizantes.

Os investimentos com aquisições ao longo do ano incluíram também: (a) a primeira parcela da aquisição de 51% de Simandou por US\$ 500 milhões, sendo o pagamento dos US\$ 2 bilhões restantes sujeito ao cumprimento de metas específicas, (b) SDCN (Sociedade de Desenvolvimento do Corredor Norte S.A.) em Moçambique por US\$ 21 milhões, (c) a terceira parcela da concessão da Ferrovia Norte Sul (US\$ 265 milhões) no Brasil, e (d) uma participação adicional de 24,5% no projeto de carvão de Belvedere na Austrália (US\$ 92 milhões), elevando nossa participação total para 75,5%

Em 2010, os desinvestimentos geraram US\$ 890 milhões. Ao longo do ano, as seguintes transações foram concluídas:

- venda dos ativos de alumínio da Valesul por US\$ 31,2 milhões;
- venda da PPSA, produtora de caulim da qual tínhamos participação de 86,2%, e outros direitos minerários de caulim por US\$ 74 milhões;
- venda de 49% das ações com direito a voto do projeto Bayóvar, mina de rocha fosfática, por US\$ 660 milhões;
- venda de 30% do projeto Omã, operação de pelotização, por US\$ 125 milhões.

No 2T10 realizamos uma transação com a Norsk Hydro ASA (Hydro) para transferir nossas participações em *smelting* de alumínio (Albrás), refinamento de alumina (Alunorte e CAP) e mineração de bauxita

(Paragominas e direitos minerários) por US\$ 1,4 bilhão em caixa ao longo do tempo mais uma dívida líquida de US\$ 700 milhões e 22% do capital da Hydro. A conclusão dessa transação é esperada para o final do 1T11.

Em fevereiro de 2011, investimos US\$ 173,5 milhões para adquirir o controle da Biopalma, no estado do Pará, Brasil, e previamente nossa sócia em um consórcio – agora dissolvido – para investir em biocombustíveis. A Biopalma produzirá óleo de palma, a matéria-prima utilizada para produzir biodiesel, e a maior parte da produção será utilizada na mistura B20 (20% de biodiesel e 80% de diesel comum) para alimentar nossa frota de locomotivas, maquinário e equipamentos de grande porte. Nosso investimento na produção de biodiesel faz parte da prioridade estratégica de ser um agente de sustentabilidade global.

Para mais detalhes sobre os projetos e o orçamento de investimentos de 2011, veja o comunicado “Vale investirá US\$ 24 bilhões em 2011”.

INVESTIMENTO REALIZADO POR CATEGORIA							
US\$ milhões	4T09	3T10	4T10	2009	%	2010	%
Crescimento orgânico	2.232	2.248	3.434	6.855	76,1	9.375	73,8
Projetos	1.923	1.902	3.103	5.845	64,9	8.239	64,9
P&D	309	346	332	1.010	11,2	1.136	8,9
Sustentação das operações existentes	817	833	1.657	2.157	23,9	3.330	26,2
Total	3.049	3.081	5.091	9.013	100,0	12.705	100,0

INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO							
US\$ milhões	4T09	3T10	4T10	2009	%	2010	%
Bulk materials	1.041	1.165	1.698	2.687	29,8	4.441	35,0
Minerais ferrosos	843	948	1.332	2,124	23,6	3,474	27,3
Carvão	199	217	366	564	6,3	967	7,6
Metais não ferrosos	983	702	1.095	3,053	33,9	2,973	23,4
Fertilizantes	-	204	362	91	1,0	843	6,6
Logística	663	604	1.354	1,985	22,0	2,852	22,4
Energia	203	209	152	688	7,6	656	5,2
Aço	26	28	88	184	2,0	186	1,5
Outros	132	170	342	324	3,6	755	5,9
Total	3.049	3,081	5,091	9,013	100,0	12,705	100,0

✓ INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

A dívida total em 31 de dezembro de 2010 foi de US\$ 25,343 bilhões, com prazo médio de 9,6 anos. O longo prazo médio é importante para minimizar os riscos de refinanciamento. O recente *stress* financeiro nas economias periféricas da zona do euro, no qual a concentração dos vencimentos de dívida a serem rolados em um curto período de tempo teve papel de destaque, é um bom exemplo da importância de se ter um portfólio de dívida de longo prazo com baixo risco.

O custo médio da dívida foi de 4,85% por ano, consistente com o foco em minimizar o custo de capital. Em 31 de dezembro de 2010 a posição de caixa da Vale foi de US\$ 9,377 bilhões, e a dívida líquida de US\$ 15,966 bilhões.

A alavancagem, medida pela relação dívida total/LTM EBITDA ajustado, caiu para 1,0x em 31 de dezembro de 2010 de 1,3x em 30 de setembro de 2010, e 2,5x em 31 de dezembro de 2009, quando os efeitos negativos da recessão global ainda impactavam nosso fluxo de caixa. A relação dívida total/*enterprise value* caiu para 13,2% em 31 de dezembro de 2010, de 14,4% em 30 de setembro de 2010.

O índice de cobertura de juros, medido pelo indicador LTM EBITDA ajustado/LTM pagamento de juros, foi de 23,8x, ante 18,1x em 30 de setembro de 2010 e 8,2x em 31 de dezembro de 2009.

Considerando as posições de *hedge*, 33% da dívida total em 31 de dezembro de 2010 estava atrelada a taxas de juros flutuantes e 67% a taxas fixas, enquanto 96% estava denominada em dólares americanos e o restante em outras moedas.

Em março de 2010, a Vale fez sua estréia no mercado de dívida em euros, levantando €750 milhões através da emissão de notas de 8 anos com um cupom de 4,375% a serem pagos anualmente.

Em setembro de 2010, a Vale emitiu US\$ 1,75 bilhão, US\$ 1 bilhão em bônus com vencimento em 2020 e cupom de 4,65% com pagamentos semestrais e US\$ 750 milhões através da reabertura dos bônus de 2039, com rendimento para o investidor de 6,074%. Os bônus de 2039 estão consolidados na forma de uma série única com os bônus de US\$ 1 bilhão emitidos em novembro de 2009.

Como parte da estratégia financeira, estamos assinando contratos com instituições oficiais de crédito de vários países – Brasil, Japão, Coréia, China e Canadá – para obter linhas de crédito, com prazos e custos adequados ao financiamento dos projetos de mineração e infraestrutura. Em fevereiro de 2011, celebramos contrato com a *Servizi Assicurativi Del Commercio Estero SPA*. (SACE), agência de crédito oficial italiana, para garantia de uma linha de crédito de bancos comerciais de US\$ 300 milhões, com vencimento de 10 anos.

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

US\$ milhões	4T09	3T10	4T10
Dívida bruta	22.880	25.267	25.343
Dívida líquida	11.840	15.544	15.966
Dívida bruta / LTM EBITDA ajustado(x)	2,5	1,3	1,0
LTM EBITDA ajustado/ LTM pagamento de juros (x)	8,2	18,1	23,8
Dívida bruta / EV (%)	14,4	14,4	13,2

▼ O DESEMPENHO DOS SEGMENTOS DE NEGÓCIOS

▪ **Bulk materials**

• **Minerais ferrosos**

O volume vendido de minério de ferro e pelotas totalizou 297,251 milhões de toneladas métricas (Mt) em 2010, sendo o maior da história da Vale, comparado ao recorde prévio de 295,148 Mt em 2008, devido aos maiores embarques de pelotas no ano, de 50,244 Mt, ante o recorde anterior de 41,553 Mt em 2008. Em 2010, o volume de venda de minério de ferro somou 247,007 Mt, 2,6% abaixo do volume de vendas recorde em 2008.

A receita gerada com vendas de minério de ferro atingiu valor recorde de R\$ 45,419 bilhões em 2010, com um aumento de 46,0% sobre o montante de 2008, nosso recorde anterior, como consequência de preços mais elevados. A receita de vendas de pelotas também alcançou um novo recorde de R\$ 14,205 bilhões em 2010, 44,8% acima do recorde anterior obtido em 2008 de R\$ 9,813 bilhões.

A performance dos preços de minério de ferro e pelotas durante o ano refletiu o desequilíbrio entre a demanda e oferta global, o que foi o principal motivo do aumento significativo da receita. O novo sistema de preços do minério de ferro implementado pela Vale trouxe muitos benefícios aos participantes do mercado, incluindo flexibilidade, eficiência no processo de descoberta do preço, transparência e premiando a qualidade, marca de nossos produtos. Além de contribuir para o nosso desempenho, o novo sistema vem emitindo os sinais apropriados, um dos mais importantes papéis desempenhados pelo mecanismo de preços

de mercado. Estes sinais nos impulsiona a investir grandes recursos no desenvolvimento de capacidade de produção de alta qualidade para satisfazer as necessidades de uma indústria siderúrgica global moderna.

No 4T10, os embarques de minério de ferro e pelotas totalizaram 81,874 Mt, representando um aumento de 4,2% em comparação ao 3T10, sendo o melhor desempenho de vendas de minério de ferro e pelotas da história da Vale em um quarto trimestre. O volume de vendas de minério de ferro foi de 67,905 Mt, 3,9% superior ao 3T10, e as vendas de pelotas somaram 13,969 Mt, um pouco acima das vendas recorde no trimestre anterior, 13,163 Mt.

A receita gerada com vendas de minério de ferro e pelotas no 4T10 totalizou R\$ 18,405 bilhões, 5,3% abaixo do 3T10, por conta dos menores preços realizados. A receita de vendas de minério de ferro foi de R\$ 14,136 bilhões e de pelotas de R\$ 4,269 bilhões, um decréscimo de 5,8% e 3,9% do 3T10, respectivamente.

Mesmo aumentando significativamente a utilização da capacidade de nossas operações de minério de ferro, fomos obrigados a reduzir os embarques para a China, para 129,258 Mt em 2010 ante 143,959 Mt em 2009, a fim de dar espaço para satisfazer a recuperação da demanda em outros mercados, particularmente no Brasil e Europa onde nossos embarques aumentaram 9,925 Mt e 28,429 Mt, respectivamente. Assim, a participação da China nas nossas vendas de minério de ferro de pelotas caiu de 56,8% em 2009 para 43,5% em 2010, enquanto que a participação da Europa cresceu de 13,6% no ano passado para 21,2% em 2010, recuperando parte da participação perdida durante a recessão. O Brasil representou 10,8% do volume das vendas, em relação a 8,8% em 2009 e o Japão 10,5%, em relação a 9,0% no ano anterior.

Vale ressaltar que as receitas reportadas para o minério de ferro e pelotas são líquidas dos custos de frete marítimo, com isso os preços de venda *cost and freight* (CFR) são comparáveis com a média dos preços FOB. No 4T10, a Vale vendeu 17,9 Mt de minério de ferro e pelotas na base CFR, contra 25,0 Mt no 3T10. Em 2010, o volume das vendas de minério de ferro e pelotas na base CFR somou 81,9 Mt.

Em 2010, os embarques de minério de manganês alcançaram 1,119 Mt, 47,4% acima de 2008, e o volume de vendas de ferro ligas totalizou 401.000 toneladas métricas (t), em linha com 396.000 t e em 2008. A receita de vendas do minério de manganês somou R\$ 458 milhões, em linha com R\$ 454 milhões em 2008, e a receita de vendas de ferro ligas totalizou R\$ 1,091 bilhão, abaixo de R\$ 1,886 bilhão em 2008.

No 4T10, o volume de vendas de minério de manganês foi de 352.000 t, 51,1% maior que no 3T10, e a receita R\$ 76 milhões, 35,6% menor que no 3T10, devido aos menores preços de vendas no trimestre. As vendas de ferro ligas totalizaram 109.000 t no 4T10, 21,1% maiores que no trimestre anterior, e a receita foi de R\$ 289 milhões, 3,2% superior ao 3T10.

A receita operacional de vendas de minerais ferrosos – minério de ferro, pelotas, manganês, ferro ligas e ferro gusa – foi de R\$ 61,322 bilhões em 2010, um novo recorde histórico para a Vale, sendo 39,9% acima do recorde anterior em 2008. No 4T10, a receita operacional de minerais ferrosos totalizou R\$ 18,842 bilhões, 5,1% abaixo do 3T10.

A margem EBIT para o segmento de minerais ferrosos foi de 66,1% no 4T10, em comparação a 72,7% no 3T10. Em 2010, a margem operacional também foi 66,1%, acima da margem em 2008 de 56,3%.

O EBITDA para o segmento de minerais ferrosos no 4T10 totalizou R\$ 13,288 bilhões, sendo 10,5% menor em comparação trimestral. O decréscimo de R\$ 1,565 milhões foi, em grande parte, devido aos menores preços de vendas, compensados parcialmente pelos maiores volumes de vendas.

Em 2010, o EBITDA alcançou R\$ 42,514 bilhões, montante recorde, sendo 67,1% superior ao valor em 2008.

BULK MATERIALS: DESEMPENHO DO SEGMENTO DE MINERAIS FERROSOS
VOLUME VENDIDO

<i>mil toneladas</i>	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Minério de ferro	60.597	65.385	67.905	226.934	247.007
Pelotas	9.221	13.163	13.969	26.540	50.244
Total	69.818	78.548	81.874	253.474	297.251
Manganês	385	233	352	986	1.119
Ferro ligas	64	90	109	253	401

VENDAS DE MINÉRIO DE FERRO E PELOTAS POR DESTINO

<i>milhões de toneladas</i>	4T09	3T10	4T10	2009	%	2010	%
Ásia	44.3	52.0	50.4	184.9	72,9	183.6	61,8
China	31.2	36.7	36.7	144.0	56,8	129.3	43,5
Japão	8.4	8.3	7.8	22.8	9,0	31.4	10,5
Coréia do Sul	2.4	3.8	4.5	10.9	4,3	14.0	4,7
Asia Emergente (ex China)	2.2	3.2	1.4	7.3	2,9	9.0	3,0
Europa	13.0	14.4	17.8	34.6	13,6	63.0	21,2
Alemanha	4.5	5.8	6.1	11.2	4,4	23.0	7,8
Reino Unido	1.1	1.7	1.4	4.8	1,9	7.9	2,7
França	2.0	1.3	3.2	4.6	1,8	6.4	2,2
Itália	2.1	1.9	2.1	4.2	1,7	8.4	2,8
Outros	3.3	3.7	5.1	9.9	3,9	17.3	5,8
Brasil	8.1	7.5	8.0	22.2	8,8	32.1	10,8
EUA	-	0.2	0.3	0.2	0,1	0.5	0,2
Resto do Mundo	4.4	4.3	5.4	11.6	4,6	18.0	6,0
Total	69.8	78.5	81.9	253.5	100,0	297.3	100,0

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO

<i>R\$ milhões</i>	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Minério de ferro	5.948	15.000	14.136	25.234	45.419
Serviços de operação de usinas de pelotização	6	1	9	18	22
Pelotas	1.206	4.440	4.269	3.869	14.205
Manganês	111	118	76	275	458
Ferro ligas	198	280	289	693	1.091
Outros	63	11	63	123	127
Total	7.532	19.850	18.842	30.212	61.322

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Margem EBIT (%)	37,7	72,7	66,1	49,0	66,1
EBITDA (R\$ milhões)	3.393	14.853	13.288	16.606	42.514

- **Carvão**

A receita com vendas de produtos de carvão alcançou R\$ 401 milhões no 4T10, 6,1% maior do que o trimestre anterior. No 4T10, a receita proveniente do embarque de carvão metalúrgico foi R\$ 324 milhões, aumentando 77,9% trimestre a trimestre. No entanto, a receita do embarque de carvão térmico foi R\$ 77 milhões, ante R\$ 196 milhões no trimestre anterior.

A receita total de vendas de carvão em 2010 foi de R\$ 1,339 milhões – novo recorde anual – e passou em 22,4% o recorde anterior em 2008. O melhor desempenho foi principalmente devido aos maiores volumes de venda de carvão térmico e metalúrgico, alcançando 7,384 Mt no ano, em relação a 5,673 Mt em 2009 e 4,086 Mt em 2008.

O EBITDA para o segmento do carvão foi negativo em R\$ 43 milhões no 4T10, sendo R\$ 173 milhões abaixo do trimestre anterior, principalmente devido ao aumento das despesas de SG&A. Em 2010, o EBITDA totalizou R\$ 22 milhões, ante R\$ 12 milhões em 2009.

BULK MATERIALS: DESEMPENHO DO SEGMENTO DE CARVÃO					
VOLUME VENDIDO					
<i>mil toneladas</i>	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Carvão térmico	1.124	1.139	793	3.083	4.234
Carvão metalúrgico	747	565	1.106	2.590	3.150
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO					
<i>R\$ milhões</i>	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Carvão térmico	112	196	77	400	515
Carvão metalúrgico	125	182	324	602	824
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS					
	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Margem EBIT (%)	(47,6)	(3,9)	(30,2)	(19,6)	(23,1)
EBITDA (R\$ milhões)	(55)	130	(43)	12	22

▪ **Metais base**

Os embarques de níquel e seus sub-produtos, cobre, cobalto e metais do grupo de platina (PGMs) foram afetadas pela greve de nossas operações canadenses, em Sudbury, Port Colborne e Voisey's Bay. Entretanto, os preços tem se recuperado em 2010, após caírem em 2009.

A receita do segmento de metais base se recuperou em 2010, alcançando R\$ 14,505 bilhões, com um aumento de 8,1% na comparação anual. Com o retorno a normalidade das operações canadenses no 4T10, houve um grande aumento na receita das vendas, subindo para R\$ 5,172 bilhões, um aumento de 52,1% em relação ao 3T10.

No 4T10, a receita de vendas de níquel alcançou R\$ 2,439 bilhões, 56,7% acima dos R\$ 1,556 bilhão no 3T10. O aumento de R\$ 833 milhões foi devido ao maior volume vendido, R\$ 797 milhões, e maior preço de venda realizado, R\$ 162 milhões. O volume de vendas no 4T10 foi de 63.000 t, contra as 42.000 t no 3T10.

A receita de cobre acumulou R\$ 1,276 bilhão no 4T10, aumento de 85,2% comparado aos R\$ 689 milhões no 3T10. Embarques de cobre durante este trimestre alcançaram 82.000 t, 49,1% acima do volume embarcado no 3T10.

No 4T10, PGMs produziram receita de R\$ 130 milhões, contra R\$ 17 milhões no 3T10, influenciada pelo aumento dos preços da platina no 4T10.

A receita de vendas de bauxita, alumina e alumínio somou R\$ 1,223 milhões no 4T10, aumento de 9,7% desde o 3T10 devido ao aumento no preço de venda.

No 4T10, os embarques de alumínio foram 130.000 t, comparado com 97.000 t no 3T10. As vendas de alumina somaram 1,303 Mt *versus* 1,422 Mt do trimestre anterior. O volume de bauxita aumentou para 1,463 Mt contra 1,260 Mt no 3T10.

A margem do EBIT do segmento de metais base 10,6% no 4T10, ante 12,3% no 3T10. Em 2010, a margem operacional foi de 7,2%.

O EBITDA dos metais base alcançou R\$ 1,551 milhões no 4T10, aumentando 81,4% em relação ao 3T10. O aumento é explicado principalmente pelos maiores volumes de vendas e maiores preços, que foram

parcialmente compensados pelo aumento das despesas gerais e administrativas (SG&A) e custos com produtos vendidos (CPV). Em 2010 o EBITDA somou R\$ 3,880 bilhões.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE METAIS BASE					
VOLUME VENDIDO					
<i>mil toneladas</i>	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Cobre	46	55	82	216	208
Níquel	41	42	63	224	174
Cobalto	208	134	440	1.854	902
Metais preciosos (onça troy)	31	199	468	1.287	919
PGMs (onça troy)	2	11	70	233	97
Bauxita	992	1.260	1.463	3.113	4.700
Alumina	1.283	1.422	1.303	5.246	5.314
Alumínio	130	97	130	495	453
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO					
<i>R\$ milhões</i>	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Níquel	1.289	1.556	2.439	6.457	6.698
Cobre	569	689	1.276	2.232	2.794
PGMs	2	17	130	291	174
Metais preciosos	5	18	78	133	124
Cobalto	11	7	26	84	52
Alumínio	452	378	502	1.687	1.794
Alumina	603	677	654	2.337	2.650
Bauxita	53	60	67	193	219
Total	2.984	3.401	5.172	13.414	14.505
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS					
	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Margem EBIT (%)	(19,2)	12,3	10,6	(8,6)	7,2
EBITDA (R\$ milhões)	288	855	1.551	2.142	3.880

▪ Fertilizantes

A receita total de fertilizantes foi de R\$ 1,304 bilhão no 4T10, um pouco inferior aos R\$ 1,400 bilhão no trimestre anterior. Em 2010, a receita totalizou R\$ 3,201 bilhões.

A receita com as vendas de potássio alcançou R\$ 125 milhões no 4T10, 17,2% abaixo do trimestre anterior. O volume de vendas foi de 174.000 t no 4T10, ante 217.000 t no 3T10. Os preços de vendas aumentaram no trimestre, contribuindo para mitigar parcialmente o efeito dos menores volumes de vendas. Em 2010, a receita com as vendas de potássio foram de R\$ 492 milhões, em linha com R\$ 506 milhões de 2008.

A receita dos produtos fosfatados totalizou R\$ 868 milhões no 4T10, 13,4% abaixo do 3T10. O total de embarques de MAP foi de 305.000 t, TSP foi de 113.000 t, SSP foi de 547.000 t e DCP 114.000 t.

As vendas de nitrogenados aumentaram para R\$ 302 milhões no 4T10, 31,3% superior ao trimestre anterior. As vendas de outros produtos somaram R\$ 9 milhões no 4T10.

A margem EBIT para o negócio de fertilizantes foi -13,5% no 4T10, ante -2,0% no 3T10. A principal razão para margem operacional negativa foi o impacto das despesas de depreciação, resultantes da reavaliação dos ativos adquiridos de fertilizantes. Se este efeito de R\$ 167 milhões – um item não caixa e não recorrente fosse excluído, a margem operacional seria de -0,3%.

O EBITDA para fertilizantes somou R\$ 141 milhões no 4T10, 48,4% acima do 3T10. A queda do CPV contribuiu positivamente para a geração de caixa de R\$ 168 milhões, mas maiores despesas gerais e

administrativas (SG&A) tiveram um impacto negativo de R\$ 63 milhões. Em 2010, o EBITDA foi de R\$ 295 milhões.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE FERTILIZANTES					
VOLUME VENDIDO					
<i>mil toneladas</i>	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Potássio	266	217	174	792	682
MAP	-	351	305	-	703
TSP	-	277	113	-	461
SSP	-	771	547	-	1.533
DCP	-	133	114	-	284
Nitrogenados	-	335	325	-	746
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO					
<i>R\$ milhões</i>	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Potássio	188	151	125	810	492
Fosfatados	-	1.002	868	-	2.085
Nitrogenados	-	230	302	-	593
Outros	-	17	9	-	31
Total	188	1.400	1.304	810	3.201
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS					
	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Margem EBIT (%)	18,9	(2,0)	(13,5)	42,9	(6,6)
EBITDA (R\$ milhões)	88	95	141	500	295

▪ Serviços de logística

Os serviços de logística produziram receita de R\$ 3,236 bilhões em 2010, 14,0% maior que em 2009.

No 4T10, a receita foi de R\$ 722 milhões no 4T10, reduzindo R\$ 172 milhões ante os R\$ 894 milhões no 3T10.

Devido ao menor volume transportado, a receita de transporte ferroviário de carga geral foi de R\$ 602 milhões, um decréscimo de R\$ 110 milhões quando comparado ao trimestre anterior.

As ferrovias da Vale – Carajás (EFC), Vitória a Minas (EFVM), Norte-Sul (FNS) e Centro-Atlântica (FCA) – bem como a participação proporcional em nossa coligada MRS, transportaram 6,507 bilhões de toneladas por quilômetro útil (tku) de carga geral para clientes no 4T10.

As principais cargas transportadas por nossas ferrovias no 4T10 foram produtos agrícolas (44,2%), insumos e produtos siderúrgicos (36,6%), combustíveis (8,5%), materiais de construção e produtos florestais (2,0%), e outros (7,3%).

Nossos portos e terminais marítimos movimentaram 4,573 Mt de carga geral, um volume menor que 7,003 milhões no 3T10.

A demanda por transporte de carga geral é sazonalmente mais fraca no quarto trimestre, devido ao fim da safra no Brasil. Além disso, houve um acidente causado por ventos fortes no terminal marítimo de Praia Mole, utilizado para descarregar as importações de carvão feito pela indústria siderúrgica, o que contribuiu para a perda de receita. O volume de transporte ferroviário decresceu em 15,4% na comparação trimestral, enquanto que a quantidade de carga movimentada em nosso porto reduziu em 34,7%.

Em 2010, as ferrovias da Vale transportaram 27,836 bilhões tku, um aumento de 14,8% perante 2009 e nossos terminais marítimos movimentaram 23,284 Mt, aumentando 8,4% desde o ano anterior.

No 4T10, a margem do EBIT foi de 9,5% e o EBITDA foi de R\$ 146 milhões, totalizando R\$ 931 milhões em 2010.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE LOGÍSTICA					
SERVIÇOS DE LOGÍSTICA					
	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Ferrovias (milhões de tku)	5.461	7.689	6.507	24.278	27.836
Portos (mil toneladas)	6.108	7.003	4.573	21.474	23.284
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO					
<i>R\$ milhões</i>	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Ferrovias	570	712	602	2.322	2.605
Portos	152	182	120	516	631
Total	722	894	722	2.838	3.236
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS					
	4T09	3T10	4T10	2009	2010
Margem EBIT (%)	10,2	21,8	9,5	8,2	16,1
EBITDA (R\$ milhões)	220	337	146	1.056	931

✓ INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS DAS PRINCIPAIS EMPRESAS NÃO CONSOLIDADAS

Indicadores financeiros selecionados das principais empresas não consolidadas estão disponíveis nas demonstrações contábeis trimestrais da Vale, no *website* da Companhia, www.vale.com/investidores/resultados e informações financeiras.

✓ TELECONFERÊNCIA / WEBCAST

No dia 25 de fevereiro de 2011, sexta-feira, será realizada conferência telefônica e *webcast* às 12:00 horas, horário do Rio de Janeiro, 10:00 horas Nova Iorque, 15:00 horas de Londres, 16:00 horas de Paris e às 23:00 horas de Hong Kong. Os telefones para conexão são:

Participantes do Brasil: (55 11) 4688-6341
 Participantes dos EUA: (1-800) 860-2442
 Participantes de outros países: (1-412) 858-4600
 Código de acesso: VALE

A instrução para participação nesses eventos está disponível no *website* da Vale, www.vale.com/investidores. Uma gravação da teleconferência/ *webcast* estará disponível no *website* da Vale durante o período de 90 dias posteriores ao dia 25 de fevereiro de 2011.

▼ INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO					
<i>R\$ milhões</i>	4T09(a)	3T10	4T10	2009(a)	2010
Receita operacional	12.048	26.376	26.958	49.812	85.345
Impostos	(366)	(698)	(465)	(1.316)	(2.120)
Receita operacional líquida	11.682	25.678	26.493	48.496	83.225
Custo dos produtos vendidos	(7.201)	(9.004)	(10.385)	(27.750)	(33.756)
Lucro bruto	4.481	16.674	16.108	20.746	49.469
Margem bruta (%)	38,4%	64,9%	60,8%	42,8%	59,4%
Despesas operacionais	(2.213)	(2.059)	(3.266)	(7.573)	(8.979)
Vendas	(116)	(134)	(234)	(426)	(579)
Administrativas	(580)	(646)	(956)	(1.921)	(2.622)
Pesquisa e desenvolvimento	(522)	(387)	(506)	(1.964)	(1.567)
Outras despesas operacionais, líquidas	(995)	(892)	(1.570)	(3.262)	(4.211)
Lucro operacional antes do resultado financeiro e de participações societárias	2.267	14.615	12.842	13.173	40.490
Resultado de participações societárias	5	(56)	(36)	99	(48)
Resultado financeiro líquido	(351)	65	(475)	2.094	(2.763)
Lucro operacional	1.922	14.624	12.331	15.366	37.679
Ganho na venda de ativos	(331)	-	-	93	-
Lucro antes do Imposto de Renda e Contribuição Social	1.591	14.624	12.331	15.459	37.679
IR e contribuição Social	1.184	(3.970)	(2.120)	(4.954)	(7.035)
Resultado das operações descontinuadas	-	15	-	-	(222)
Participações minoritárias	(68)	(114)	(209)	(168)	(352)
Lucro líquido	2.707	10.554	10.002	10.337	30.070
Lucro por ação (R\$)	0,59	1,97	1,89	0,97	5,66

BALANÇO PATRIMONIAL - CONSOLIDADO		
<i>R\$ milhões</i>	31/12/2009(a)	31/12/2010
Ativo		
Circulante	36.793	54.268
Realizável a longo prazo	10.995	8.088
Permanente	129.950	152.306
Total	177.738	214.662
Passivo		
Circulante	17.470	31.384
Exigível a longo prazo	59.975	66.953
Outros	4.535	4.209
Patrimônio líquido	95.758	112.116
Capital social	47.434	50.000
Reservas	52.644	70.212
Notas obrigatoriamente conversíveis em ADRs	4.587	1.441
Ajustes de avaliação patrimonial	(8.907)	(9.537)
Total	177.738	214.662

FLUXO DE CAIXA					
<i>R\$ milhões</i>	4T09(a)	3T10	4T10	2009(a)	2010
Fluxos de caixa provenientes das operações:					
Lucro líquido do período	2.776	10.668	10.211	10.505	30.421
Ajustes para reconciliar o lucro líquido do período com recursos provenientes das atividades operacionais:					
Resultado de participações societárias	(22)	56	36	(99)	48
Resultado na venda de ativos	331	-	-	(93)	-
Resultado das operações descontinuadas	-	(15)	-	-	222
Depreciação, exaustão e amortização	1.449	1.231	1.794	5.447	5.741
Imposto de renda e contribuição social diferidos	(335)	(754)	(707)	(37)	(2.251)
Despesas financeiras e variações monetárias e cambiais líquidas	(1.812)	1.344	(1.006)	(6.746)	24
Baixa na alienação de bens do imobilizado	177	418	491	653	1.196
Perdas líquidas não realizadas com derivativos	(367)	(687)	909	(2.649)	1.024
Outros	(80)	364	112	(47)	452
Contas a receber	565	(3.322)	2.063	2.287	(5.302)
Estoques	(186)	(768)	(14)	2.796	(1.579)
Tributos a Recuperar	(820)	321	(57)	(1.151)	153
Outros	82	(439)	744	(559)	750
Fornecedores e empreiteiros	1.375	1.274	(553)	(51)	1.653
Salários e encargos sociais	179	295	353	112	363
Tributos e Contribuições	(292)	2.035	(313)	736	2.182
Outros	(333)	466	(332)	413	280
Recursos líquidos provenientes das atividades operacionais	2.687	12.487	13.732	11.517	35.377
Aplicações financeiras	1.585	-	(2.987)	(1.131)	3.537
Empréstimos e adiantamentos	(73)	(141)	(65)	(1.067)	(161)
Garantias e depósitos	12	(184)	291	(153)	(64)
Adições em investimentos	(2.032)	(7)	(15)	(3.422)	(120)
Adições ao imobilizado	(4.895)	(6.842)	(9.196)	(16.108)	(23.546)
Dividendos/juros sobre capital próprio recebidos	-	76	-	21	147
Caixa líquido utilizado na aquisição e aporte em subsidiárias	-	(1.740)	-	(4.246)	(11.378)
Recursos provenientes da alienação de bens do imobilizado/investimentos	293	-	-	1.200	-
Recursos líquidos utilizados nas atividades de investimento	(5.110)	(8.838)	(11.972)	(24.906)	(31.585)
Empréstimos e financiamentos de curto prazo (captações líquidas)	5	35	262	316	310
Empréstimos e financiamentos de longo prazo	2.874	3.332	1.966	6.286	8.375
Emissão de títulos conversíveis, em ações ordinárias	-	-	-	577	-
Emissão de títulos conversíveis, em ações preferenciais	-	-	-	1.281	-
Instituições financeiras	(118)	(2.359)	(1.596)	(808)	(4.547)
Dividendos e juros sobre capital próprio pagos a acionistas	(2.565)	(0)	(2.897)	(5.299)	(5.095)
Dividendos e juros sobre capital próprio pagos a acionistas não controladores	(82)	-	(137)	(82)	(243)
Transações com acionistas não controladores	-	1.118	-	-	1.118
Ações em tesouraria	-	(585)	(2.806)	(22)	(3.391)
Recursos líquidos utilizados nas atividades de financiamento	113	1.540	(5.207)	2.249	(3.473)
Aumento (diminuição) de caixa e equivalentes	(2.310)	5.190	(3.449)	(11.140)	318
Caixa e equivalentes no início do período	15.561	11.847	16.949	24.639	13.221
Efeito de variações da taxa de câmbio no caixa e equivalentes	(30)	(87)	(31)	(278)	(69)
Caixa e equivalentes no final do período	13.221	16.949	13.469	13.221	13.469
Juros de curto prazo	(23)	(9)	(17)	(110)	(46)
Juros de longo prazo	(513)	(440)	(547)	(2.277)	(1.983)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(1.795)	(1.312)	(2.008)	(2.698)	(3.694)
Adições ao imobilizado com capitalização de juros	(103)	(76)	(49)	(384)	(310)

Esse comunicado pode incluir declarações que apresentem expectativas da Vale sobre eventos ou resultados futuros. Todas as declarações quando baseadas em expectativas futuras, e não em fatos históricos, envolvem vários riscos e incertezas. A Vale não pode garantir que tais declarações venham a ser corretas. Tais riscos e incertezas incluem fatores relacionados a: (a) países onde temos operações, principalmente Brasil e Canadá, (b) economia global, (c) mercado de capitais, (d) negócio de minérios e metais e sua dependência à produção industrial global, que é cíclica por natureza, e (e) elevado grau de competição global nos mercados onde a Vale opera. Para obter informações adicionais sobre fatores que possam originar resultados diferentes daqueles estimados pela Vale, favor consultar os relatórios arquivados na Comissão de Valores Mobiliários – CVM, na Autorité des Marchés Financiers (AMF), na U.S. Securities and Exchange Commission – SEC e no The Stock Exchange of Hong Kong Limited, e em particular os fatores discutidos nas seções “Estimativas e projeções” e “Fatores de risco” no Relatório Anual - Form 20F da Vale.